

## A MORFOLOGIA NA APRENDIZAGEM DA ORTOGRAFIA DA LÍNGUA PORTUGUESA: A INFLUÊNCIA DA CONSCIÊNCIA MORFOLÓGICA

Zilda Laura Ramalho Paiva<sup>1</sup>

zildapaiva@hotmail.com

Karla Karolina Azevedo da Conceição<sup>2</sup>

karla.k.azevedo@hotmail.com

**Resumo:** O presente trabalho foi realizado a partir da disciplina de Morfologia, ministrada pela professora Dr<sup>a</sup> Zilda Laura Ramalho Paiva da Universidade Federal do Pará. Para este trabalho elaboramos uma pesquisa de campo, na qual apresentamos exercícios de cunho morfológico e ortográfico a alunos da 5<sup>a</sup> série do Ensino Fundamental e o 1<sup>o</sup> ano do Ensino Médio. Na elaboração dos exercícios, baseamo-nos em livros didáticos pertencentes à 5<sup>a</sup> série do Ensino Fundamental e o 1<sup>o</sup> ano do Ensino Médio da rede pública de ensino. Os exercícios tiveram a finalidade de identificar possíveis contribuições da Morfologia para o ensino da ortografia da língua portuguesa. Os resultados demonstraram que: esses alunos detinham um baixo conhecimento morfológico de palavras; não conseguiam diferenciar morfe, morfema e alomorfes e não relacionavam de forma consciente, ou seja, respondiam sem refletir a escrita de palavras derivadas, o que nos levou a concluir que os alunos das séries mencionadas acima tinham dificuldades de estabelecerem a relação entre sua consciência morfológica e a escrita da língua portuguesa.

**Palavras-chave:** Morfologia. Ortografia. Língua Portuguesa

**Abstract:** The present work was carried out from the discipline of Morphology, taught by Professor Dr. Zilda Laura Ramalho Paiva of the Federal University of Pará. For this work we developed a field research, in which we present exercises morphologic stamp and spelling for students grade 5 elementary school and 1st year of high school. In the preparation of the exercises we rely on textbooks belonging to the 5th grade and 1st year high school of the Public Education Network. The exercises were aimed at identifying possible contributions of Morphology for teaching spelling of Portuguese. The results showed that: these students had a low morphological knowledge of words could not differentiate morph, morpheme and not related allomorphs and consciously, ie responded without thinking of writing derived words, which led us to conclude that students in grades mentioned above had difficulties in establishing the relationship between your consciousness Morphological and writing Portuguese

**Keywords:** Morphology. Orthography. Portuguese Language.

### INTRODUÇÃO

Este artigo foi elaborado a partir de uma pesquisa realizada no município de Ananindeua com alunos do ensino público municipal e estadual, como parte avaliativa da disciplina Morfologia, do curso de Letras Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Pará- Campus do município de Castanhal. A Professora Doutora Zilda Laura Ramalho Paiva, ministrante da disciplina Morfologia, no Campus da

Universidade Federal do Pará- Campus Castanhal, orientou-nos durante a pesquisa para que melhor pudéssemos direcionar o nosso trabalho dentro da série escolhida por cada grupo. No nosso caso, a 5ª série do Ensino Fundamental e o 1º ano do Ensino Médio pertencentes à rede pública de ensino.

Para Mota (2009), a língua portuguesa apresenta em sua forma ortográfica uma formatação mais simples que outras línguas, como o inglês. A relação de morfologia e escrita seria, segundo ela, “fácil” de ser expressa na ortografia, por dispor de um conjunto de códigos bem mais semelhantes entre som e escrita. Como nos foi proposta uma pesquisa de campo que revelasse a contribuição ou não da Morfologia para o ensino e aprendizagem do Português, procuramos fazê-la de modo que a teoria de citada, de Mota, fosse constatada ou não. Fizemos isso por entendermos que a língua portuguesa não é vista pelas séries básicas de modo tão fácil como sugere alguns linguistas. É essa “facilidade” que nos levou a realizar uma pesquisa de características totalmente ortográficas, isso porque alunos que estão no Ensino Fundamental II (5ª-8ª série) e o Ensino Médio (1º-3º) deveriam assimilar de modo diferenciado a morfologia da língua que eles estudam e falam por estarem em nível educacional avançado.

Para entendermos melhor a relação morfologia e ortografia da língua e se de fato é mais “fácil” compreender e escrever a língua fazendo essa assimilação morfológica, elaboramos este trabalho baseados em uma pesquisa de campo com alunos de escolas públicas estaduais e municipais de séries diferentes: 5ª série do Ensino Fundamental e 1º ano do Ensino Médio, que apresentavam ou não dificuldades em língua portuguesa do Brasil. A finalidade da pesquisa foi fazer uma relação de como a morfologia pode contribuir para a ortografia da língua portuguesa desde que os alunos tenham a capacidade de refletir sobre os morfemas da palavra, para assim relacionar os significados dentro de um vocábulo.

Para verificarmos essa situação, fizemos uma entrevista com alunos que representaram a 5ª série (2 alunos) e alunos que representaram o 1º ano do Ensino Médio (2 alunos) do ensino público. Propusemos exercícios ortográficos que se relacionavam com a morfologia de modo direto com compreensão das partes (morfemas) e indiretos com o significado bruto da palavra. Os alunos fizeram essas atividades em momentos diferentes para que não houvesse interferências de aluno para aluno. Todos os exercícios foram explicados, a princípio de modo similar para todos os alunos, conforme as dúvidas foram surgindo, fez-se necessária uma explicação mais detalhada do exercício, com exemplificação e uma releitura dos exercícios.

A partir da aplicação dos exercícios, pudemos identificar problemas ortográficos pertencentes à aprendizagem da Morfologia nas séries bases. Assim como identificamos que a língua portuguesa para os estudantes entrevistados não foi de tão fácil assimilação. Demonstraram que não depreendiam de

forma satisfatória para as séries que representavam a significação de morfe, morfema e alomorfe. A pesquisa auxiliou na identificação de problemas ortográficos pertencentes à aprendizagem da morfologia nas séries bases.

Dessa forma, apresentaremos nossas ideias, primeiramente situando um breve histórico da língua portuguesa a partir de sua formação no latim, abordando na primeira sessão a Morfologia como instrumento de ensino e aprendizagem da ortografia do Português, partindo das primícias latinas. Retomaremos os significados de morfologia, consciência morfológica, morfe, alomorfe, morfema, bem como as devidas diferenças entre morfologia lexical e morfologia gramatical. Analisaremos alguns exemplos de alguns autores, como Lemle (2009), para relacioná-los com os exercícios propostos aos alunos.

No segundo momento, os exercícios de cunho morfológicos derivacionais e flexionais serão analisados com base no que os autores defendem sobre os exercícios morfológicos e como poderiam auxiliar a ortografia. Faremos uma abordagem profunda de todos os exercícios, procedendo-se à explicação, exposição, elaboração e análise crítica de como os alunos conseguiam identificar os morfes, morfemas e alomorfes das palavras. A morfologia derivacional, na terceira seção, e morfologia flexional, na quarta seção, respectivamente, com os exercícios elaborados para cada abordagem (derivação e flexão).

## **1 A MORFOLOGIA NO ENSINO E APRENDIZAGEM DA ORTOGRAFIA DA LÍNGUA PORTUGUESA**

A língua portuguesa, ao longo de sua história, sofreu variadas modificações em todos os níveis da língua (fonético, morfológico, sintática, semântico, lexical) que possibilitaram novas organizações, adaptações e reformulações em algumas palavras do vocabulário português. Muitas palavras existentes na nossa língua, por exemplo, têm sua origem no latim. Podemos identificar essa situação em palavras que sofrem alguma alteração ao passar de uma classe gramatical para outra, ou até mesmo em uma mesma classe gramatical. Para exemplo dessa alteração que o latim sofre ao passar para o português, podemos citar as palavras *pacificação* e *paz*, *veloz* e *velocidade*, *água* e *aquático*.

O substantivo feminino *pacificação* mantém em seu radical a consoante -c, pois provém da palavra *pacis* do latim, que em português deu origem a palavra *paz* com -z; neste caso, a alteração foi dentro de uma mesma classe gramatical, o substantivo. A mesma alteração do -c pelo -z ocorre com as palavras *veloz* e *velocidade*, porém, neste caso, em classes gramaticais diferentes, *veloz* é um adjetivo e *velocidade* um substantivo. No caso do par *água* e *aquático* a alteração se faz pela substituição da

consoante “g” pela consoante “q”, quando a palavra passa para o adjetivo *aquático*, pois em latim *água* era *áqua*.

O estudo dos radicais das palavras, assim como de prefixos, sufixos dessas pequenas partes demonstradas acima, com um significado relevante, é realizado pela Morfologia. Segundo Mariângela (2009, p.73), a “Morfologia é a parte da gramática que estuda a estrutura, a formação, a flexão e a classificação da palavra”. Morfologia, em seu contexto significativo, é o estudo de diferentes formas, as formas que se apresentam na palavra, vocábulo, segmento ou contexto. Faz parte do estudo de toda e qualquer língua entender a formação das palavras que a compõe, e é a Morfologia que faz esse estudo. A morfologia se divide em morfologia flexional e lexical.

A morfologia flexional “estuda as relações entre as diferentes formas de uma mesma palavra, isto é, o seu paradigma flexional.” (LAROCCA, 2005, p.15). Como exemplo de morfologia flexional, temos a concordância de pessoa e verbo: “Eu irei para casa/ Nós iremos para casa”. Nesses exemplos, o verbo *ir* (singular/ plural) flexiona. Podemos notar que não houve o aparecimento de uma nova palavra, mas o acréscimo de morfemas nas palavras já existentes para indicar singular ou plural. Podemos concluir que na morfologia flexional não há o aparecimento de vocábulos novos e sim uma dependência de concordância entre pronome e verbo.

A morfologia lexical “trata da estrutura das palavras e dos seus processos de formação” (LAROCCA, 2005, p.15). A morfologia lexical está diretamente relacionada às derivações. Observemos os pares, *casa/caseiro*, *porta/porteiro*, *livro/livraria*. *Caseiro* se relaciona “derivacionalmente” com a palavra *casa*, por intermédio do sufixo derivacional *-eiro*, o mesmo ocorre com *porteiro* e *livraria*, pois se derivam de *porta* e *livro*, respectivamente, a partir dos sufixos derivacionais *-eiro* e *-ria*. Nesses casos, há um acréscimo de sentido nas palavras. A palavra *casa* significa residência e *caseiro*, a pessoa que cuida desta residência. O mesmo ocorre com *livro* o objeto e *livraria* estabelecimento onde se vende livros. Igualmente com as palavras “*porta*” objeto e “*porteiro*” pessoa responsável pela guarnição da porta de um determinado lugar.

Como vimos, são essas pequenas partículas (*-ei/emos*, *-eiro*, *-ria*, etc.), inseridas em um segmento do vocábulo, que alteram de alguma forma (*flexional ou lexical*) a estrutura da palavra, que a Morfologia analisa e faz essa análise a partir de morfema, morfe e alomorfe.

Os morfemas, na morfologia, são pequenas partes das palavras, que representam “A menor unidade significativa [...], que tem a propriedade de articular-se com unidades de seu próprio nível” (CARONE, 1994, p.24), ou seja, dentro de uma palavra há formas que representam determinado significado, pois no segmento vocábulo podemos identificar partes menores que a palavra, que podem ter um significado, isso é o que Carone (1994, p. 21) denomina de morfema. Os morfemas se dividem

em lexicais e gramaticais, “essa divisão leva em conta a função ou significação que o morfema desempenha no conjunto do vocábulo” (ZANOTTO, 2006, p. 29).

Morfemas lexicais ou lexemas constituem um inventário aberto, ou seja, que podem ser modificados, alterados constantemente, e “são responsáveis pela significação externa, não gramatical” (ZANOTTO, 2006, p. 29), está contido na raiz (radical) do vocábulo. Por exemplo, as palavras *palpare* > *poupar* e *regnu* > *reino*. Nos dois casos houve uma vocalização, que é a conversão de uma consoante num fonema vocálico. Nesse caso, iremos perceber que a alteração ocorreu na estrutura das palavras: o *lp* da palavra *palpare* (*latim*) se vocalizou em *u*, e a palavra se tornou *poupar* (português); o *gn* da palavra *regnu* se vocalizou em *i* na palavra *reino*, mas a significação dos dois vocábulos continuam a mesma. Os morfemas que alteram de alguma forma a palavra são os morfemas gramaticais.

Os morfemas gramaticais ou gramemas constituem um inventário fechado, ou seja, que não se modificam, está relacionado com a função gramatical do vocábulo; por exemplo, a colocação do plural –S nas palavras, quando necessário: *a casa/as casas*, *o menino/os meninos*. Os morfemas gramaticais, de acordo com sua função, podem ser divididos em três grupos: os morfemas derivacionais, que servem para formar novas palavras, que são os prefixos e os sufixos; os morfemas flexionais, que respondem pelas flexões de tempo, modo, número e pessoa, nos verbos, e de gênero e número, nos nomes; e, por fim, os morfemas classificatórios, que distribuem os vocábulos em categorias, que são as vogais temáticas, tanto verbais como nominais.

Utilizando o exemplo descrito em Zanotto (2006. 31): 1-Enfeixar a significação básica, = Rz- Rd (raiz/ semantema)/ 2-Derivar novas palavras = MD ( prefixos e sufixos)/ 3-Flexionar as palavras = MF(desinência)/ 4-distribuir as palavras em categorias = VT(vogal temática nominal e verbal).

Vocábulo	MD	RZ	MD	VT	MF
1.entronizados	En-	Tron-	iz-ad-	o-	-s
2.recolocados	Re-	coloc-	-ad-		-a-s
3.papelucho		Papel	-uch-	-o	
4.livresco		Livr	-ec-	-o	
5.infelizes	In-	feliz		-e-	-s

Para que morfemas descritos sejam identificados, precisamos de uma representatividade concreta. Esta representatividade são as unidades da morfologia, que chamamos de morfe. O morfe “é o segmento mínimo significativo recorrente que representa um dado morfema” (CARONE, 1994, p. 23). Então, podemos definir o morfe como a realização do morfema de forma concreta. Nesse sentido, conforme Carone (1994, p.23), “A dualidade abstrato-concreto mostrou a conveniência de uma designação específica para esse outro aspecto do morfema, o morfe”.

Assim sendo podemos identificar o morfe como a realização do morfema pelos exemplos: *casa/casas/caseiro*, em que *-cas* é um morfe (morfema radical) , *-a* morfe (morfema vogal temática nominal), *-s* morfe (morfema plural), *-eiro* morfe (morfema sufixo derivacional); *infeliz/ilegal in- i-* morfe (morfema prefixo de negação), *feliz/legal* morfe (morfema radical); Esses morfes podem apresentar diferentes formas para representar um dado morfema, isto é o que conhecemos como alomorfia.

Alomorfia é outra unidade da morfologia, assim como o morfema e morfe é “a existência de morfemas que assumem, em certas situações, diferentes configurações fonemáticas” (CARONE, 1994, p.25). Essa configuração diferente com o mesmo significado é o que conhecemos por alomorfe “allo, outro; morphé, forma” (CARONE, 1994, p.25). Por meio dessa unidade, muitos vocábulos poderiam ser explicados em seu contexto morfológico, pois alomorfia ocorre em qualquer segmento de uma palavra.

Vejamos a ocorrência de alomorfia no morfema radical. As modificações no radical têm um contexto histórico da língua portuguesa, já mencionada no início desse texto (o latim). Para explicar a alomorfia de muitos radicais, precisamos voltar ao latim, ao exemplo do par *cabelo* e *capilar*, fazendo a mesma referência, porém, isolando o radical das duas palavras, teremos “cab” referente a cabelo e “cap” fazendo a mesma referência; porém em sua escrita há uma diferença, a consoante “p”, presente na palavra *capilar*, oriunda do latim, deu espaço à consoante “b” na palavra *cabelo*, em português. Então *cabe* e *cap* seriam alomorfes do morfema radical. Essas formas *cabelo* e *capilar* estão presentes no vocabulário da língua portuguesa.

Como dissemos anteriormente, a alomorfia ocorre em diferentes partes do vocábulo. Se ocorrer antes do vocábulo é alomorfia de prefixo, e se ocorrer depois é alomorfia de sufixo, isso no contexto derivacional da palavra (são os que originam outras palavras). Os prefixos, segundo Aurélio (2007), são o que fixamos antes do vocábulo ou radical, e, devido a este acréscimo, modifica a palavra e lhe dá um novo significado. Tomemos como exemplo os prefixos *in-* e *i-* nos vocábulos “felicidade” e “lógico”, que, respectivamente, formarão os vocábulos *infelicidade* (quem não tem felicidade) e *ilógico* (o que não tem lógica). Os prefixos *in-* e *i-* foram utilizados para designar uma negação ou a ausência. As formas são diferentes, porém o morfema é o mesmo, de negação. A alomorfia, assim como ocorre no radical e no prefixo, ocorre também no sufixo, que se pospõe ao radical, ou na raiz de uma palavra.

Os sufixos também formam novos vocábulos, porém que se pospõe ao radical ou ao vocábulo. Os alomorfes dos sufixos são apresentados na língua portuguesa (ensinadas na educação básica, “o Ensino Fundamental”) sem muitas especificações, como: o sufixo apresentar morfemas de mesma significação representados por morfes diferentes; o sufixo ter um significado a partir de sua união com um vocábulo ou uma raiz; o sufixo fazer parte da morfologia derivacional, porque dá origem às novas palavras. Ao exemplo de alomorfes de sufixo, apresentamos os sufixos *-inha* e *-zinha*. São morfes diferentes que apresentam o mesmo morfema de grau de diminutivo; nas palavras *mulher* e *colher* o diminutivo é formado pelo sufixo *-zinha*; e as palavras *menina* e *bruxa* têm o diminutivo em *-inha*. Os sufixos *-inha* e *-zinha* são duas realizações diferentes de um mesmo morfema.

Nesse contexto de relacionar morfologia com a escrita, Lemle (2007) chama a atenção para a percepção das regularidades ligadas à morfologia das palavras. Como nas palavras *beleza*, *pobreza*, *riqueza*, *grandeza*, em que é possível detectarmos as variações nelas ocorridas por meio de um estudo morfológico do sufixo (*-eza*). Nesse sentido, iremos perceber que o referido sufixo, quando forma substantivos a partir de um adjetivo, a palavra é escrita com Z e não com S; assim, tais informações, além de serem relevantes, contribuem também para a melhoria ortográfica dos alunos.

Dessa forma, por meio desta área da Linguística, a Morfologia, podemos perceber que as relações de conhecimento dos alunos se estreitam a partir do contato mais específico (detalhado) e menos generalizado com a língua, visto que eles não a dominam, por isso acabam sentido dificuldades na aprendizagem. Mas, quando o estudo da morfologia é repassado de modo específico (detalhado), com as explicações que de fato podem modificar o conhecimento de escrita dos alunos, como demonstrando que nos períodos há palavras, que nessas palavras existem valores significativos menores e que há formas de representar esses valores na escrita, que são os morfes e alomorfes, que são representados por um dado significado, o morfema, (todos descritos anteriormente), as dificuldades ortográficas se tornam menos recorrentes no processo de alfabetização e no contínuo aprendizado educacional do Ensino Fundamental e Médio.

É esta habilidade de conseguir relacionar os morfemas das palavras na escrita que alguns linguistas chamam de consciência morfológica. Para falarmos consciência morfológica teremos que falar de um modo generalizado, inferindo sobre a influência desta no aprendizado da escrita da língua portuguesa, pois, em se tratando desse idioma, há poucos trabalhos a respeito da consciência morfológica no português, apenas alguns deles mencionam a contribuição dessa língua para ortografia e para o aprendizado da morfologia.

Lemle (2007), no guia do alfabetizador, relaciona o aprendizado com a morfologia, utilizando a aplicação dos sufixos *-esa* e *-eza*, na escrita, apresentados anteriormente, o que requer uma reflexão,

uma consciência, e como se trata de sufixos, neste caso há consciência morfológica. Mota (2009) exemplifica a consciência morfológica a partir de um substantivo derivado. A palavra laranjeira se escreve com j porque provém da palavra laranja, ou porque é a árvore que dá o fruto laranja. Esses exemplos de Lemle e Mota estão diretamente relacionados com a consciência morfológica, pois leva o aluno, em um dado momento, a refletir sobre como ele escreveria uma palavra que deriva de outra, a exemplo de laranjeira, que se escreve com j porque a palavra primitiva (primeira) já continha um j, por isso não se escreve com g, já que no contexto segmental g e j apresentam os mesmos sons diante das vogais (i) e (e). A esse processo de refletir sobre os morfemas da língua Mota (2009) chama de consciência morfológica:

A habilidade de refletir sobre os morfemas, que são as menores unidades linguísticas, com significado próprio, é chamada de consciência morfológica (CAELISLE *apud* MOTA, 2009, p.144) e pode ajudar na alfabetização porque a ortografia de muitas palavras depende da morfologia da língua (MOTA, 2009, p.1440).

Mota (2009) defende que a consciência morfológica já está presente desde a alfabetização. Porém, baseada no estudo de Nunes sobre a consciência morfológica na língua inglesa, ela afirma que, se for perguntado, um aprendiz não necessita ser alfabetizado para utilizar conceituações morfológicas. Para melhor entendermos, pensaremos em uma criança que ainda não foi alfabetizada. Se ela for perguntada onde se compra pão, responderá que é na padaria. Isso ocorrerá devido à criança já possuir sua consciência morfológica formada em sua comunidade de fala, que é a família. “No entanto, é possível que o desenvolvimento da escrita possa não ocorrer em estágios e que também não seja necessária que as crianças tenham adquirido o princípio alfabético antes de usar informações morfológicas” (MOTA, 2009, p. 145).

Como podemos perceber que a consciência morfológica é uma base para a aquisição da ortografia. A língua portuguesa tem várias regras ortográficas, e a consciência morfológica pode contribuir para um aprendizado ortográfico ainda na alfabetização. Entretanto, é um processo linear, ou seja, é contínuo, podendo se iniciar na alfabetização e fluir para outras séries do ensino da língua portuguesa. É essa continuidade que queremos verificar se permanece da 5ª série do Ensino Fundamental ao 1º ano do Ensino Médio.

## **2 A ORTOGRAFIA DA LÍNGUA PORTUGUESA A PARTIR DA MORFOLOGIA DERIVACIONAL DA PALAVRA**

Com base no que analisamos acima sobre as contribuições da Morfologia para o ensino e aprendizado da ortografia da língua portuguesa, nós elaboramos uma pesquisa de campo. Nessa



pesquisa, procuramos identificar o nível de conhecimento dos alunos a respeito dos aspectos morfológicos e ortográficos da palavra; verificar se aprendizes da língua conseguem relacionar as partes significantes de uma palavra, e se essa compreensão das partes significantes de um vocábulo é pertinente às séries seguintes.

Para verificarmos essa situação, aplicamos alguns exercícios de compreensão morfológica a alunos de 5ª série, ou 6º ano do Ensino Fundamental, e 1º ano do Ensino Médio, de escolas municipais e estaduais.

Esses alunos foram divididos em dois grupos, de acordo com a série, e se apresentavam ou não dificuldades em Língua Portuguesa dentro de sala de aula. Os exercícios foram apresentados quase da mesma forma a todos os alunos. Os alunos de 5ª série tiveram, em um exercício, o de número 6 sobre desinência, uma contribuição à parte. Diferente dos alunos do 1º ano do Ensino Médio, que realizaram a atividade sem a contribuição à parte, pois entendemos que os alunos do ensino médio conseguiriam realizar a atividade sem necessitar de auxílio como os alunos do ensino fundamental.

Baseados em Carone (1994), elaboramos um exercício para que os alunos situassem partículas nas palavras, mudando, assim, o seu significado; como, por exemplo, nas palavras *contente* e *feliz* indicamos a mesma situação para as duas palavras: “quem não está feliz/contente”. Propusemos esse exercício no intuito de verificarmos como os alunos, já alfabetizados, formariam novas palavras a partir de prefixos e sufixos, em contexto de alomorfia, e se eles perceberiam as diferenças de realização (morfe) que um mesmo morfema assumiria em palavras diferentes.

### **Exercício 1**

Situe partículas nas seguintes palavras.

- a) \_\_\_\_ feliz. (Quem não é feliz)
- b) \_\_\_\_ contente. (Quem não está contente)
- c) \_\_\_\_ formar. (Notícia fornecida à alguém)
- d) Belo \_\_\_\_\_. (Quem é belo tem?)
- e) Grande \_\_\_\_\_. (Quem é grande tem?/substantivo)
- f) Triste \_\_\_\_\_. (Quem é triste tem?/substantivo)
- g) \_\_\_\_ triste \_\_\_\_\_. (Triste/verbo)
- h) \_\_\_\_ complicada \_\_\_\_\_. (O que não está complicado)

i) \_\_\_\_ tarde \_\_\_\_\_. (Ao final da tarde)

Nesse exercício, compreendemos que quando a palavra tinha sua formação com dois afixos, como prefixo e sufixo, como nas palavras *entristecer*, *descomplicado* e *entardecer*, os alunos apresentavam dificuldades para responderem, tanto na quinta série quanto no 1º ano do Ensino Médio. Algumas pesquisas, como as elaboradas por (DEACON & BRYANT, 2005 *apud* MOTA, 2009, p.123), defendem que as crianças têm formas diferentes de assimilarem a morfologia flexional e a derivacional.

Entretanto, Deacom e Bryant (2009) fizeram essa pesquisa com alunos de cinco a oito anos, que ainda apresentaram dificuldades em derivar uma palavra que apresentassem três morfemas. No caso de nossa pesquisa, os alunos tinham entre onze e dezesseis anos, e também demonstraram as mesmas dificuldades com palavras derivadas que apresentam mais de dois morfemas, como nos exemplos citados acima: *entristecer/entardecer*. Temos *en-*, morfema que geralmente tem sentido de “torna-se”, nesse caso, torna-se triste. A própria raiz da palavra, *-triste-/tarde-*, morfema adjetivo, e o sufixo *-cer*, morfema formador de verbo.

Nesse contexto de dificuldades relacionadas à morfologia derivacional, foi proposto o exercício de ditado com palavras derivadas e não derivadas. Na concepção de Lemle (2005), esse exercício é um bom indicador de dificuldades ortográficas, por demonstrar que o aluno, para escrever de modo “certo” uma palavra, deve ter uma compreensão ou uma percepção mais abrangente da língua.

## Exercício

2) Ditado.

Chouriço; Pinchar; Chimarrão; Chegança; Chefatura; Passeata; Recesso; Assassino; Assalto; Assadeira; Cassetete; Xadrez; Xampu; Xavante; Xexéu; Xingar; Desodorante; Desabamento; Saboroso; Tese; Fisioterapia; Firmeza; Fazendeiro; Fuzileiro; Azarado; Azucrinar; Paçoca; Açucarado; Transformação; Cortiço; Feitiçaria.

Em contraposição aos resultados do exercício *situar os afixos nas palavras*, os alunos apresentaram maiores dificuldades para escreverem palavras não derivadas, como *chouriço*, *assalto*, e *cortiço*; enquanto que, nas palavras derivadas, todos assimilaram o ponto de derivação antes ou depois do radical, ou seja, no prefixo e no sufixo responderam de modo correto, como em *chegança*, *assadeira*, *desabamento*, *azarado* e *feitiçaria*.

Essa diferença que encontramos da relação da morfologia derivacional na escrita, no primeiro exercício e no segundo, explicaremos, por meio de uma suposição levantada por Mota (2009, p.126):

A escrita combina dois tipos de princípios: o princípio fonográfico e o semiográfico. O primeiro envolve estabelecer como unidades gráficas, os grafemas ou letras, que

correspondem aos sons que compõem a fala (por exemplo, análise da palavra em fonemas ou sílabas). O segundo princípio, o semiográfico envolve estabelecer como os grafemas representam significados (MAREC-BRETON & GOMBERT, 2004). O processamento morfológico está mais fortemente associado ao princípio semiográfico (MOTA, 2009, p.126).

Levantamos outra suposição em relação a esta modificação de compreensão de morfemas. Percebemos que quando confrontados com palavras que não faziam parte de sua comunidade linguística (sala de aula, família, cidade, grupos de sua rua etc.), os alunos tendiam ao erro ortográfico, ou seja, quanto mais distante do seu “usual” as palavras, ou seja, que não faziam parte da convivência e da fala oral, mais passível de erro era. Isso ocorreu tanto na 5ª série do Ensino Fundamental quanto no 1º ano do Ensino Médio.

Dessa forma, nota-se que o aprendizado da morfologia, no estudo da estrutura, do processo de formação e classificação da palavra, precisa ser mais bem trabalhado desde os anos iniciais e por todos os anos escolares. É fundamental que o professor aproveite os conhecimentos pré-adquirido que os alunos têm ao chegar à escola.

Outros dois exercícios de base morfológica derivacional foram propostos, porém com a finalidade de verificar se os alunos de 5ª série do Ensino Fundamental e 1º ano do Ensino Médio depreenderiam os significados dos morfemas com exatidão, e se eles conseguiriam, partindo do seu conhecimento morfológico ou da consciência morfológica, pensar em palavras a partir de prefixos e sufixos pré-existentes.

Propusemos um exercício de correspondência significativa. Elaboramos palavras que já continham em sua estrutura um sufixo (em negrito), que foram apresentadas em uma sequência de três para cada sufixo. Como sabemos, os sufixos formam novas palavras e um morfe representa um morfema, que tem um dado significado, e é esse significado que os alunos deveriam identificar nos sufixos.

Nesse exercício, foram encontradas as maiores dificuldades relacionadas à morfologia derivacional. Tanto os alunos da 5ª série quanto os alunos do 1º ano do Ensino Médio não conseguiram identificar o significado dos sufixos propostos pelo exercício. Os alunos deveriam identificar os significados dos sufixos que estavam em grupos de quatro palavras com o mesmo sufixo (-onho, -oso, -esa, -ite e -inha). Os sufixos com os quais eles demonstraram maiores dificuldades de assimilação morfe/morfema ou sufixo/significado foram: -onho em tristonho, -oso em saboroso, e -esa em francesa. Os alunos não conseguiram identificar a duplicidade de sentido do sufixo -inha na palavra mulherzinha, que tanto pode ser uma mulher pequena quanto o adjetivo pejorativo.

## Exercício

4) Dê o significado das partes em negrito das palavras abaixo:

Gastrite **Portuguesa** **Tristonho** **Saboroso** **Menininha**

Sinusite **Francesa** **Enfadonho** **Grandioso** **Bruxinha**

Otite **Irlandesa** **Risonho** **Formoso** **Mulherzinha**

Podemos dizer que, nesse caso, os alunos estavam tão “acostumados” ao habitual da palavra, que não perceberam que apenas o morfe final era o que continha uma significação diferenciada da palavra primitiva, que mudava até a sua classe gramatical. Porém, levamos em conta, nesse exercício, as significações que os alunos propuseram aos sufixos, mesmo que esses significados, como em *-esa*, fosse referente à língua, como língua portuguesa, e não ao gênero feminino, como (português /portuguesa). Agimos dessa forma por entendermos que esse sufixo *-esa*, de fato, tem os dois significados (morfemas), mesmo que o exercício tenha sido proposto com a finalidade de identificar como os alunos compreendiam a escrita do gênero feminino, no qual se escreve com “*esa*” (com s) e não com “*eza*” (com z).

Inferimos que essa diferença de significação no exercício ocorreu devido aos alunos não possuírem uma consciência morfológica abrangente, pois reconheceram de fato o significado da palavra, mas não os significados derivados, isto é, os alunos não compreenderam de fato que as palavras possuem partes menores significantes. Demos uma atenção maior para este exercício, porque muitos autores, assim como Mota (1996), defendem “que a partir da segunda série as crianças são capazes de utilizar regras gramaticais para decidir a grafia de palavras”.

Como último exercício de morfologia derivacional, propusemos aos alunos fazerem um raciocínio mais específico. No exercício anterior, colocamos o sufixo em um contexto, neste, os sufixos e prefixo foram apresentados isoladamente, pois a finalidade deste exercício foi verificar se eles de fato compreendiam ou não partes isoladas e se o significado destas partes isoladas mudaria em um contexto.

Ao exemplo do que ocorreu no exercício anterior, os alunos demonstraram total desconhecimento na formação de palavras com os sufixos: *-ebre*, *-ejo*, *-culo* e com os prefixos *in-*, *a-* e *extra-*. Vejamos como esses alunos formaram as palavras a partir desses afixos: lebre para o sufixo *-ebre*, vejo para o sufixo *-ejo*, árvore para prefixo *a-*, inveja para o prefixo *in-* e extrato para o prefixo *extra-*, esse último foi unânime.

Pudemos perceber que todos os alunos, mesmo os pertencentes a escolas diferentes, a séries diferentes, de idades diferentes e terem feito à pesquisa em momentos diferentes, construíram para o prefixo extra- a mesma palavra extrato, ou seja, voltamos ao ponto de que a morfologia derivacional está relacionada com uso que esses alunos fazem da língua portuguesa. O mesmo não ocorreu com a morfologia flexional.

### **Exercício**

5) Cite palavras com as partículas: ebre, ejo, culo (a) - des, in, a, anti, extra.

### **3 A MORFOLOGIA FLEXIONAL E A ORTOGRAFIA DA LINGUA PORTUGUESA**

A morfologia flexional, de um ponto de vista analítico dos exercícios propostos, foi mais “fácil” para os alunos responderem. Para melhor esclarecer, vejamos o que Mota (2009) diz, baseando-se em uma pesquisa feita na língua inglesa por Deacom & Bryant (2005).

Os autores concluíram que a diferença encontrada na escrita dos dois tipos de morfema possivelmente devia-se a que na morfologia derivacional há uma mudança na classe gramatical das palavras morfologicamente complexas, o que não ocorre com a morfologia flexional. Assim, seria mais fácil para as crianças entender as relações morfêmicas nas flexões do que nas derivações (MOTA, 2009, p.129).

Observamos que os alunos da 5ª série e do 1º ano também tiveram melhores resultados nos exercícios de flexão do que nos de derivação, pois no momento em que eles deveriam criar novas palavras era o momento que eles perguntavam o que era para fazer, ou seja, eles tinham mais dúvidas nos exercícios de derivação. Nos exercícios de flexão foi pedido a flexão de verbos e o emprego de desinência nominal e verbal (TERRA & CAVALLET, 2009). No primeiro, o intuito era identificar se os alunos, a partir das flexões, conseguiriam distinguir os tempos verbais (pretérito e futuro) do indicativo, que têm na terceira pessoa do plural, sons foneticamente semelhantes.

No segundo, o intuito era de analisar a concordância flexional a partir de um exercício de completar. Este, como foi abordado no início da parte prática deste artigo, teve duas configurações, uma para a 5ª série do Ensino Fundamental e o 1º ano do Ensino Médio. Para os alunos da 5ª série o exercício continha a opção de escolher entre uma forma ou outra. Já os alunos do Ensino Médio tiveram que analisar o contexto e completar de acordo com seu entendimento.

### **Exercício proposto**

3) *Empregue o verbo de acordo com o tempo verbal, de acordo com o seu conhecimento.*

a) *Eles \_\_\_\_\_ um boi no pasto. (ver no passado)*

- b) Eles \_\_\_\_\_ um boi no pasto. (ver no futuro)
- C) Eles \_\_\_\_\_ uma casa. (comprar no passado)
- d) Eles \_\_\_\_\_ uma casa. (comprar no futuro)
- e) Eles \_\_\_\_\_ banho. (tomar no passado)
- f) Eles \_\_\_\_\_ banho. (tomar no futuro)
- g) Eles \_\_\_\_\_ a lição. (fazer no passado)
- h) Eles \_\_\_\_\_ a lição. (fazer no futuro)

### **Exercício**

6) Aplique as desinências verbais, nominais, e vogal temática nas palavras.

- a) Água que nasce na fonte bel \_\_\_\_ . (a-as)
- b) Água que nasce nas fontes bel \_\_\_\_ . (a-as)
- c) A água lev \_\_\_\_ a fertilidade ao sertão. (a-am)
- d) As águas lev \_\_\_\_ a fertilidade ao sertão. (a-am)

No exercício de conjugação verbal, houve algumas dificuldades na escrita das flexões temporais, porém não foram de forma geral. O que analisamos é que diante destes contextos tempo verbal (pretérito e futuro) e terceira pessoa do plural (eles), os alunos, mesmo no 1º ano do Ensino Médio, ainda fazem essa confusão pelo som final dos verbos. Já os alunos de 5º série do Ensino Fundamental não apresentaram dificuldade alguma em flexionar o verbo. Inferimos então que, por não haver mudança de classe gramatical, a construção das palavras na morfologia flexional se torna mais compreensível que na morfologia derivacional.

O exercício de concordância de desinência e vogal temática foi o que menos apresentou erros e nos quais os alunos não demonstraram dificuldades em relacionar as desinências. Apenas um não acertou todas as questões, demonstrando somente falta de atenção e não falta de compreensão flexional. Nesse exercício, de um modo geral, alunos de 5ª série e de 1º ano, ativos na educação, não poderiam cometer erros significativos, uma vez que já passaram do processo de alfabetização, conseguindo, de forma prática, identificar os morfemas flexionais.

O que percebemos nos exercícios de flexão é que, assim como nos de derivação, os alunos formam as palavras pelo conhecimento que eles têm dela e não por entenderem que dentro das palavras há partes menores que tem valor significativo. Mas, como o objetivo desse último exercício era identificar se os alunos conseguiam, a partir da estrutura frasal, fazer concordância, então devemos dizer que, em se tratando de concordância frasal, os alunos relacionam de forma adequada as flexões.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os alunos da 5ª série do Ensino Fundamental e 1º ano do Ensino Médio públicos demonstraram não ter um desenvolvimento morfológico compatível com seu nível educacional. Eles apresentaram uma série de dificuldades na percepção de morfema, morfe e alomorfe: primeiro, os alunos não compreendem o que é morfema, em consequência disso o significado que eles identificam teria que estar contextualizado em uma palavra, do contrário, os alunos não percebem o significado isolado dos morfemas; segundo, os alunos não fazem diferença alguma na ortografia de palavra, morfema, morfe e alomorfe; terceiro, a ortografia de palavras flexionadas são mais compreensíveis aos alunos por uma questão gramatical somente e não por questões morfológicas, ou seja, os alunos aprenderam a fazer a concordância verbal e de número e não no significado morfêmico das flexões; a morfologia derivacional é a menos compreendida, pois faz uma reflexão maior de cada parte analisada da palavra, além de estabelecer uma relação com a consciência morfológica.

As aplicações dos exercícios com a finalidade de analisarmos o grau de consciência ortográfica a partir da morfologia obtiveram curiosos diagnósticos da pesquisa, ao compararmos a análise dos resultados dos exercícios da 5ª série e do 1º ano do Ensino Médio, pois demonstraram que os alunos do Ensino Médio, em todas as questões (compreensão de morfe, morfema e alomorfe, desenvolvimento de consciência morfológica, e flexões verbais), apresentaram imensas dificuldades em conteúdos em que alunos do Ensino Fundamental demonstraram maior domínio.

As duas séries, de um ponto de vista morfológico, não apresentaram um bom desenvolvimento. Com isso, percebemos que as habilidades e as competências linguísticas morfológicas dos alunos entrevistados não se diferem por série e nem pela idade, e sim pela trajetória de ensino e aprendizado de língua portuguesa que cada um possuía. Isto ficou claro na realização dos exercícios de ditado e de formação de palavras, a partir de afixos soltos.

Com esses resultados, voltamos à questão da importância da morfologia e da consciência morfológica no ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa. De um modo geral, a morfologia seria um meio para que alguns problemas ortográficos compatíveis com a língua portuguesa, como os descritos anteriormente, tornassem-se menos decorrentes nas séries avançadas do ensino básico. Porém, há uma necessidade de serem realizados mais trabalhos nessa área da língua portuguesa no Brasil, para que isso seja de fato contrastado a partir de outras pesquisas no ensino e na aprendizagem ortográfica, a partir da Morfologia.

Porém, devemos levar em conta que esse trabalho foi realizado no âmbito de uma disciplina curricular do curso de letras. Tivemos pouco espaço temporal para realizar esta pesquisa, e nossos informantes, no caso os alunos da 5ª série e 1º ano do Ensino Médio, eram poucos, razão pela qual

esse trabalho não possui um caráter de um discurso inquestionável, pois, como dissemos, é necessário que haja mais trabalhos nessa temática de ensino da Morfologia, até mesmo para que pesquisas nessa área da Língua Portuguesa se aprimorem e se torne alvo de discussão crítica, para que professores, melhor desenvolvam essa disciplina em seu trabalho educacional.

## REFERÊNCIAS

- CARONE, F. de B. **Morfossintaxe**. Editora Ática. São Paulo, 1994.
- KEDHI, V. **Morfemas do Português**. 6ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.
- LAROCA, M. de N. C. **Manual de Morfologia do Português**. Juiz de Fora: Eduff, 1994.
- MOTA, M. M. P. E. da. **A Morfologia derivacional contribui para a leitura e escrita no Português?** 2009. Disponível: [www.scielo.br/prc](http://www.scielo.br/prc)
- \_\_\_\_\_. **O papel da Consciência Morfológica para a Alfabetização**. Disponível: [www.scielo.br/prc](http://www.scielo.br/prc)
- \_\_\_\_\_. **O desenvolvimento da Consciência Morfológica**. Disponível: [www.scielo.br/prc](http://www.scielo.br/prc)
- SILVA, M. C. P.; KOCH, I. **Linguística aplicada ao Português: morfologia**. 10ª Ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- ZANOTTO, N. **A base para análise morfológica**. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2006.

---

<sup>1</sup> Professora Doutora da Universidade Federal do Pará-CUNCAST; Coordenadora do Projeto de *Extensão "Formação continuada de professores; de Língua Portuguesa: uma abordagem a partir dos gêneros discursivos"*.

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Letras Língua Portuguesa, monitora nas disciplinas de Morfologia e Filologia Românica, na Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Castanhal-CUNCAST.